

***DOCES GRÃOS E LIQUIDO ESPIRITUALIZANTE:
CANA, AÇÚCAR E AGUARDENTE NAS ILHAS DE CABO VERDE
IDEIAS FEITAS E REALIDADES DOCUMENTAIS***

Maria Manuel Ferraz Torráo
Centro de História do Instituto de Investigação Científica Tropical
mmanueltorao@hotmail.com

Resumo

A história do cultivo do açúcar nas ilhas de Cabo Verde nunca foi feita de forma sistemática. As esparsas e confusas informações documentais sobre a temática têm criado uma série de mitos e imprecisões que se torna necessário clarificar. Efetivamente, desde o século XVI até ao século XX, surgem nas fontes históricas (documentação avulsa, descrições e relatos de viajantes, relatórios escritos e cartográficos das missões científicas) menções ao cultivo de cana-de-açúcar e ao consumo de aguardente de cana. Assim, durante muito tempo, em obras gerais sobre a história destas ilhas, era mencionado constantemente que aí se cultivava cana-de-açúcar, e que estas ilhas haviam mesmo servido como “laboratório de aclimação” da espécie, antes da experiência do seu cultivo em outras terras tropicais.

À luz das fontes existentes, este estudo propõe-se contribuir para o esclarecimento possível da história do cultivo da cana e do fabrico do açúcar e da aguardente nestas ilhas, e para o uso que era dado quer aos doces grãos, quer ao líquido espiritualizante. Procurar-se-á contextualizar o cultivo desta planta com o aproveitamento dos saberes tradicionalmente adquiridos sobre as terras mais rentáveis a fazer medrar, as melhores técnicas a utilizar para a produção da aguardente, a rentabilização do trabalho escravo nos trapiches e até as cantigas de trabalho transmitidas de geração em geração para auxiliarem os trabalhadores no duro trabalho trapicheiro.

Numa segunda parte deste estudo, tentar-se-á fazer uma identificação concreta das ilhas e dos terrenos onde se cultivava esta planta e consequentemente se produzia açúcar, melaço e aguardente e cruzar estes dados com fontes cartográficas. Estas poderão ser um excelente instrumento de trabalho para contribuir para uma organização mais metódica dos dados existentes.

Utilizando como base para este trabalho as cartas produzidas nos séculos XIX e XX pela Comissão de Cartografia, arquivadas na *Cartoteca* do Centro de História e no Centro de Informação e Documentação do IICT, procurar-se-á cruzar as informações escritas, acima mencionadas, com as cartográficas. Uma breve observação de vários mapas do século XIX e de cartas agrícolas do século XX (algumas das quais produzidas já pela Junta de Missões do Ultramar) permitiu, por um lado, verificar a articulação entre os relatos e as descrições recolhidas e a própria toponímia referida nas cartas, e por outro, verificar quais os terrenos que as missões científicas identificavam como destinados ao cultivo de diferentes plantas, nomeadamente à da cana-de-açúcar.

Palavras-chave: ilhas de Cabo Verde; séculos XVI-XX; cana sacarina; açúcar; aguardente; cartografia; Comissão de Cartografia

Ao contrário do que sucedeu na ilha da Madeira (PEREIRA, 1991, 133-281) e na de São Tomé (RAU, 1971, 7-44), ou mais tarde no Brasil, nas ilhas de Cabo Verde, a planta da cana-de-açúcar nunca se desenvolveu intensivamente, e consequentemente nunca deu origem a um volume produtivo que implicasse a sua reexportação em grande escala. No entanto, perpassa através de toda a historiografia insular a ideia generalizada, muitas vezes até transposta para os manuais escolares, de que estas ilhas enquanto regiões tropicais eram necessariamente “terras açucareiras”.

Embora António Carreira tenha publicado um estudo sobre esta temática (CARREIRA, 1982, 237-288) e de em todas as obras gerais sobre estas ilhas haver sempre menções à cana sacarina e aos seus derivados na economia destas ilhas, a história do cultivo da cana sacarina e da produção do açúcar, melado e aguardente nas ilhas de Cabo Verde nunca foi feita de forma sistemática. Pretende-se com este trabalho lançar as primeiras estacas para o avanço no esclarecimento desta temática, embora se realce deste já que este é ainda um primeiro ensaio de uma investigação mais completa que se tenciona realizar.

São duas as perspetivas que se pretendem abordar nesta primeira fase desta investigação: por um lado, sintetizar as informações que é possível sistematizar a partir do levantamento dos dados contidos nas fontes descritivas existentes sobre o cultivo e produção de açúcar nas diferentes ilhas de Cabo Verde, e esclarecer quais as ilhas e os locais onde este cultivo era possível, por outro lado, e em coordenação com este último aspeto, articular estas informações com as existentes nos mapas produzidos pela Comissão de Cartografia e instituições suas sucedâneas, hoje conservados na Cartoteca do Centro de História do Instituto de Investigação Científica Tropical. Pretende-se, pois, fazer um exercício de complementaridade entre dois tipos de fontes distintos.

1. Cana sacarina, açúcar e aguardente nos textos descritivos das ilhas de Cabo Verde

Efetivamente, desde o início do século XVI até ao século XX, surgem nas fontes históricas ou seja, na documentação avulsa, seja nas descrições e nos relatos de viajantes, nos relatórios escritos e cartográficos das missões científicas, menções ao cultivo de cana sacarina e ao consumo de aguardente de cana.

Logo nas primeiras descrições das ilhas, nomeadamente na de Valentim Fernandes datada de 1506, afirma-se o seguinte a respeito da ilha de Santiago: “Esta ylha dá todas as frutas de Portugal que se

nella prantam figos, uvas, melões açucares e todas as outras frutas há por todo o ano”(FERNANDES, 1951,114). Passando em revista todo um conjunto de textos como os do Piloto Anónimo, o de Francisco de Andrade, de Gaspar Frutuoso, as cartas ânuas dos Jesuítas, a Relação de Fernão Guerreiro e a de André de Faro em todas há menções ao cultivo de cana-de-açúcar.

Para o século XVIII e início do XIX, as referências documentais mantêm-se: George Roberts, Aniceto António Ferreira, António Carlos Andréis, João da Silva Feijó, António Pusich são muitos dos autores que referem a existência da cultura de cana sacarina nas ilhas de Cabo Verde.

Deixando para outro trabalho a apresentação exaustiva do que cada um destes autores escreve sobre o açúcar, e fazendo um enfoque apenas no que de geral se retira dos textos de todos estes autores, há vários pontos que são transversais a todas estas fontes:

1. A cultura da cana sacarina era uma cultura de regadio, cuja plantação era sempre feita nas zonas das ribeiras;
2. A produção do açúcar nunca assumiu características de uma produção de monocultura, nem havia mesmo uma produção intensiva de cana; era uma “cultura de quintal”, uma cultura de subsistência, utilizada para as necessidades domésticas dos seus produtores;
3. Não há, portanto, registos significativos de exportação de açúcar para os séculos XVI, XVII e XVIII; mesmo para o século XIX, para os anos de que há registos como seja por exemplo os de 1842-43, apenas se assinala a exportação de 5 moios e 64 alqueires de açúcar e 11 pipas e 18 almudes de aguardente (LOPES LIMA, 1941,42) verificando-se, ao invés, a importação de 270 quintais e 78 arráteis de açúcar e de 8 pipas e 1 almude de aguardente e licor (LOPES LIMA, 1941,41).
4. O açúcar produzido nas ilhas de Cabo Verde era um açúcar sem grande qualidade utilizado na sua maior parte para a fazer aguardente de cana, melaço e conservas de frutas; é provavelmente esta falta de boas propriedades que justifica o facto apresentado na alínea superior e que levava a que se exportasse para regiões e consumidores pouco exigentes algum açúcar e aguardentes de natureza inferior e se importasse açúcar, aguardente e licores de melhores qualidades para gasto de alguns membros da elite local.
5. A aguardente de cana era uma bebida consumida preferencialmente pelos negros e pelos escravos e um meio eficaz de fazer os locais trabalhar. Nas palavras de José Joaquim Lopes de Lima “Gostam muito como todos os Africanos de se espiritualizar com bebidas e pode-se dizer ser este o motivo, que tanto os afeiçoa a cultivar a cana-de-açúcar com a mira em extrair aguardentem de

que a maior parte se consome no país; é mesmo a promessa de uma distribuição de aguardente o meio mais eficaz de os mover a qualquer trabalho” (LIMA, 1844, 107).

6. A aguardente, ao invés do açúcar, servia como meio de pagamento e chegou mesmo a ser exportada em quantidades registáveis a ponto de, no final do século XVII, ser cobrado um imposto sobre a exportação desta bebida¹

Quando trabalhamos com as fontes que fornecem informações mais pormenorizadas do século XIX, de que realçamos José Conrado Chelmick (1841), José Lopes de Lima (1844) e Francisco Travassos Valdez (1864), os 3 autores são unânimes em eleger apenas 3 das 10 ilhas que constituem o arquipélago de Cabo Verde como as únicas onde o cultivo da cana-de-açúcar era possível: Santo Antão, de São Nicolau, no Barlavento e Santiago no Sotavento.

“Muito de propósito reservei para o fim falar da *canna de assucar*; porque não obstante o crescer ella bem de duas espécies nestas ilhas (só em S. Thiago, Santo Antão e S. Nicolau é que cultivam alguma), atenta a falta de combustível, nunca o assucar e agoardente de Cabo Verde poderão competir em preço e qualidade com os do Brasil, e das outras colonias europeas (entrando neste numero as de S. Thomé e Principe)” (LOPES LIMA, 1844, 16).

“Uma outra plantação que também gostámos de ver foi a da *canna de assucar*, o *saccharum officinalis* e o *savioluteum*, chamada cana de Cayenna em Cabo Verde, introduzido há poucos annos.

Depois que a digna família Dias, da ilha de São Nicolau ali estabeleceu a plantação e cultura da *canna de sequeiro*, o que deu os mais felizes resultados, desenvolveu-se logo este systema em maior escala tanto n’essa ilha como na de S. Thiago e na de Santo Antão, que são as principaes, senão as únicas de Cabo Verde, onde se cultiva *canna*, de modo que n’esta ultima ilha fabricam-se anualmente talvez mais de 400 pipas de agoardente, ainda que fraca e ordinária (como o assucar o é também) a qual se consome quasi toda na própria ilha” (VALDEZ, 1864, 136-137)

Este facto derivava se serem os espaços insulares onde a ocupação humana aliada à relativa abundância das ribeiras permitia o desenvolvimento desta cultura que apesar de ser mencionada como de “sequeiro” era apesar de tudo dependente de terras com alguma humidade, a qual lhe era

¹ Com o propósito de aumentar os rendimentos camarários, a vereação de 1692 da Ribeira Grande acordou o lançamento de alguns tributos extraordinários, nomeadamente o de taxar a exportação de cada pipa de aguardente com o imposto de um cruzado; nesse sentido numa carta, datada de 7 de Agosto de 1692, os oficiais da Câmara desta cidade solicitaram autorização régia para o lançamento dessa taxa. AHU, C.U., *Cabo Verde*, Caixa 7 A, doc. 141.

fornecida pelos cursos de águas subterrâneas das ribeiras. Curiosamente se se cruzar estas menções com as informações existentes na obra de Valentim Fernandes, vê-se que logo no início do século XVI este autor já apontava que eram somente nestas ilhas que havia “muitas águas e boas” em contraposição com as outras ilhas onde ou não havia água, ou havia pouca ou era salobra (FERNANDES, 1951, 110-118).

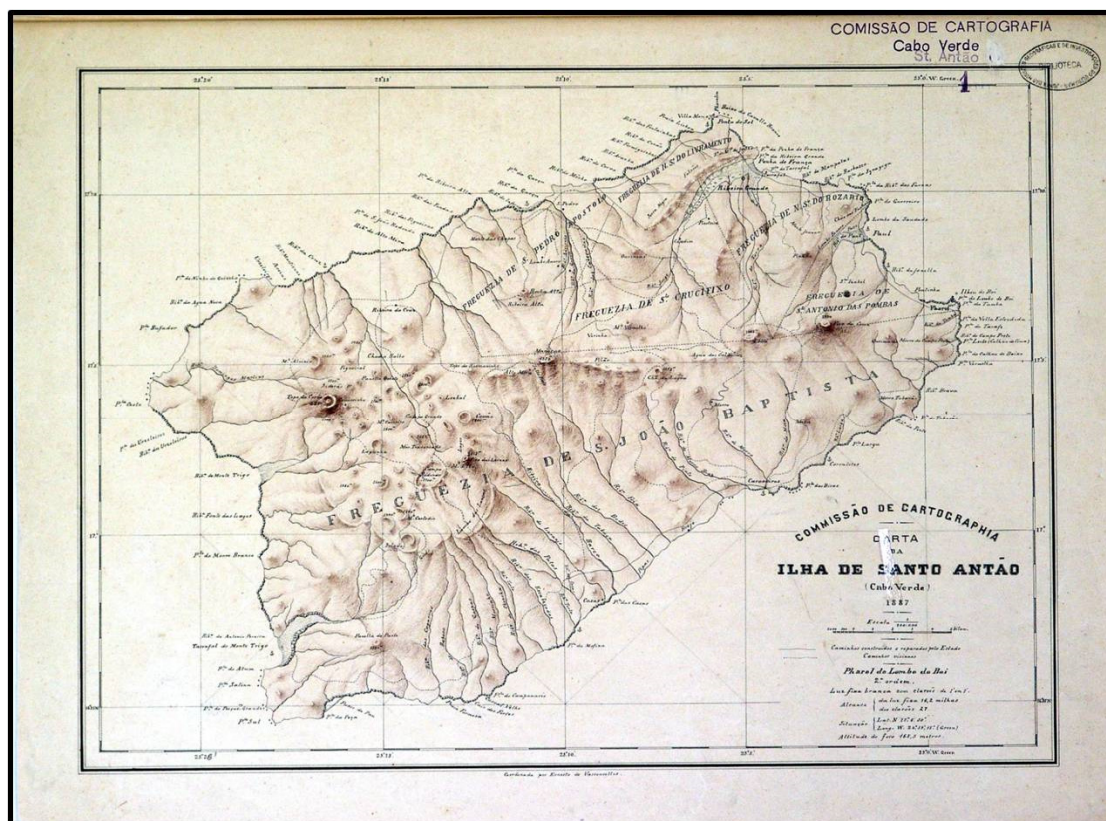
As ribeiras férteis e de regadio e possuidoras de solos de natureza aluvial “*tchom de massapé*” eram as que eram ocupadas com culturas exigentes em água, eram as terras onde se desenvolviam os canaviais, os pomares e as hortas.

2. Ilhas com cursos de águas: cartas gerais de Santo Antão, São Nicolau e Santiago

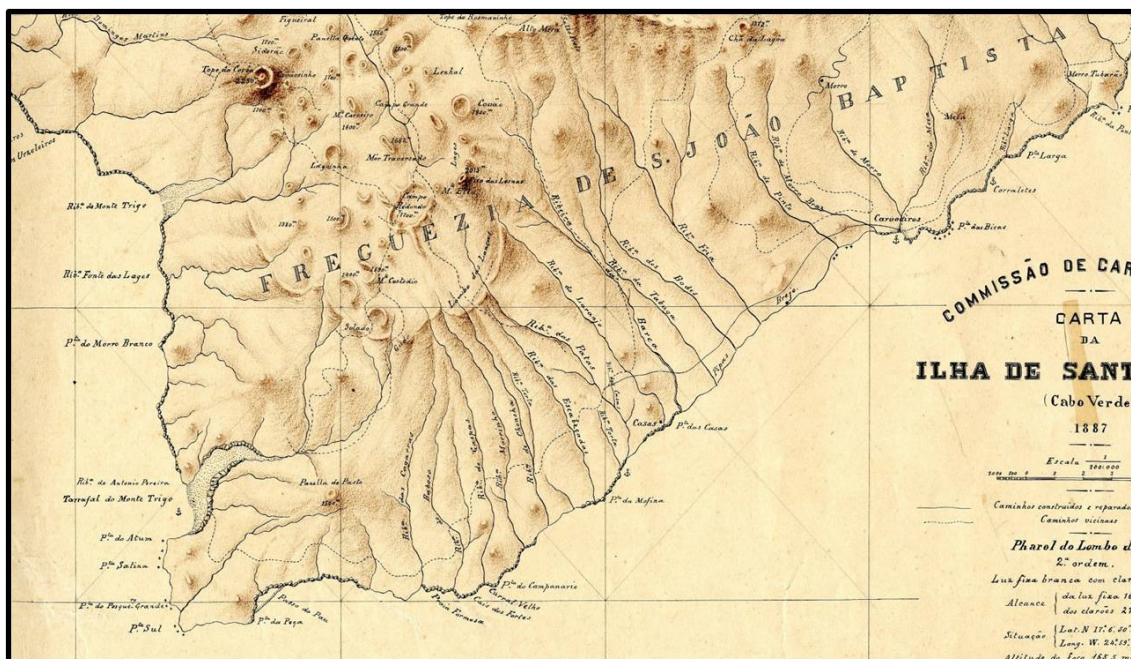
Assim, identificadas através das fontes documentais quais eram as ilhas onde se cultivava a cana-de-açúcar, articulou-se esta informação com a resultante da pesquisa das cartas produzidas nos séculos XIX e XX pela Comissão de Cartografia e instituições que lhe sucederam, arquivadas na *Cartoteca* do Centro de História.

Uma rápida visualização das cartas das ilhas deste arquipélago confirmou imediatamente os dados anteriormente sistematizados. Só nas ilhas de Santo Antão, de São Nicolau e de Santiago foi possível encontrar cursos de águas em número relevante e consequentemente terras para produção de açúcar.

Relativamente à ilha de Santo Antão foram seleccionadas 3 cartas, todas produzidas pela Comissão de Cartografia: 2 de 1887, um *Croquis manuscrito indicando os caminhos públicos da ilha de Santo Antão* (escala de 1/100.000, da autoria de Pedro Rogério Leitão, Major de infantaria) e outra impressa, da mesma data e que sobreposta à primeira é extremamente semelhante (escala de 1/100.000, coordenada por Ernesto de Vasconcelos) sendo em ambas visíveis, em todo litoral da ilha, inúmeras ribeiras, com maior predominância na freguesia de São João Baptista; noutra carta de 1911, produzida no âmbito da Comissão de Cartografia, (escala de 1/150.000) esta mesma hidrografia é realçada com traços azuis, tornando-se particularmente evidentes os cursos de água existentes em todo o espaço litorâneo da ilha.



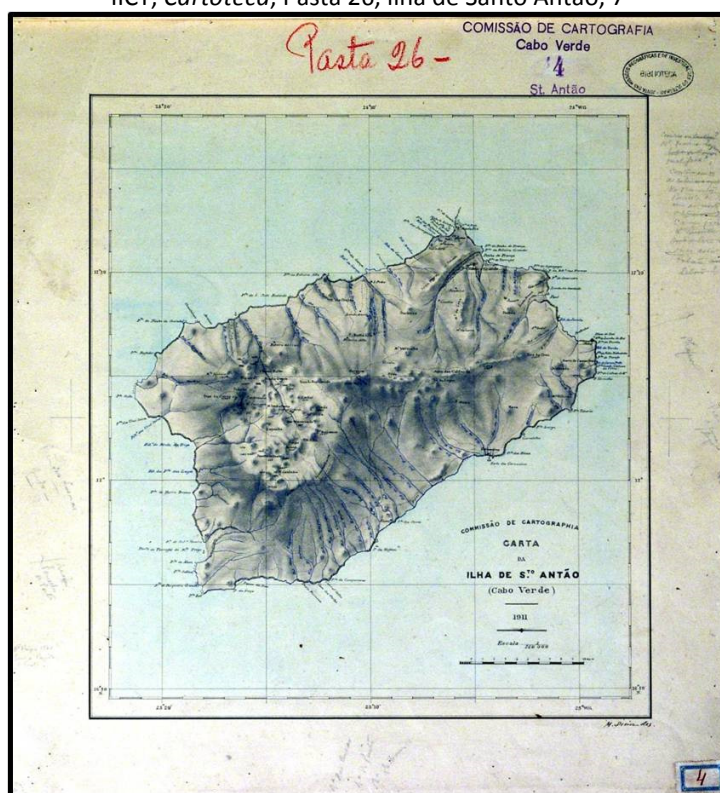
Carta da Ilha de Santo Antão
IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santo Antão, 1



Pormenor da carta anterior,
realçando a grande quantidade de ribeiras que é possível observar nesta região da ilha de Santo Antão

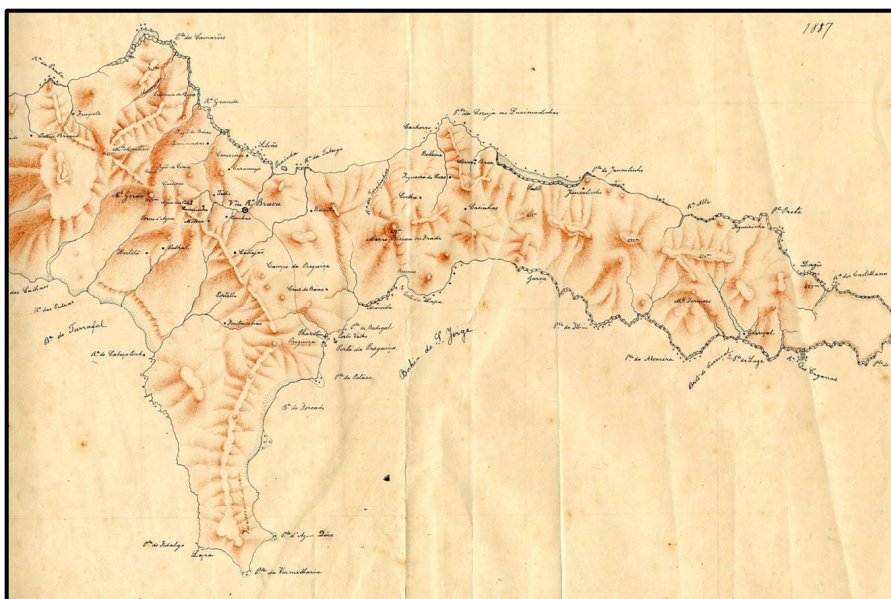


Croquis indicando os caminhos públicos da ilha de Santo Antão,
IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santo Antão, 7



Carta da ilha de Santo Antão, 1911
IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santo Antão, 4

A seleção efetuada para a ilha de São Nicolau, levou a salientar duas cartas: um mapa geral de 1887, da autoria de Ernesto de Vasconcelos e produzido no âmbito dos trabalhos da Comissão de Cartografia (numa escala de 1/100.000) e outro de 1929, também com a mesma escala, e levantado, em 1928, pela Missão Geográfica de Cabo Verde constituída pelo 1º Tenente da Marinha Engenheiro Hidrógrafo Henrique Baeta Neves pelos 1os tenentes da Marinha Victor Serra e A. Carvalho Lima e pelo Engenheiro Agrónomo A. Matos Barreto) espelham a mesma realidade já salientada para Santo Antão: representam uma ilha com uma zona de litoral cheia de cursos de água, ou seja um espaço litorâneo onde desaguavam imensas ribeiras vindas do interior da ilha.



Pormenor da carta da ilha de São Nicolau, 1887
IICT, *Cartoteca*, Pasta 26, ilha de São Nicolau, 2



Pormenor da carta da ilha de São Nicolau, 1929
IICT, *Cartoteca*, Pasta 26, ilha de São Nicolau, 5

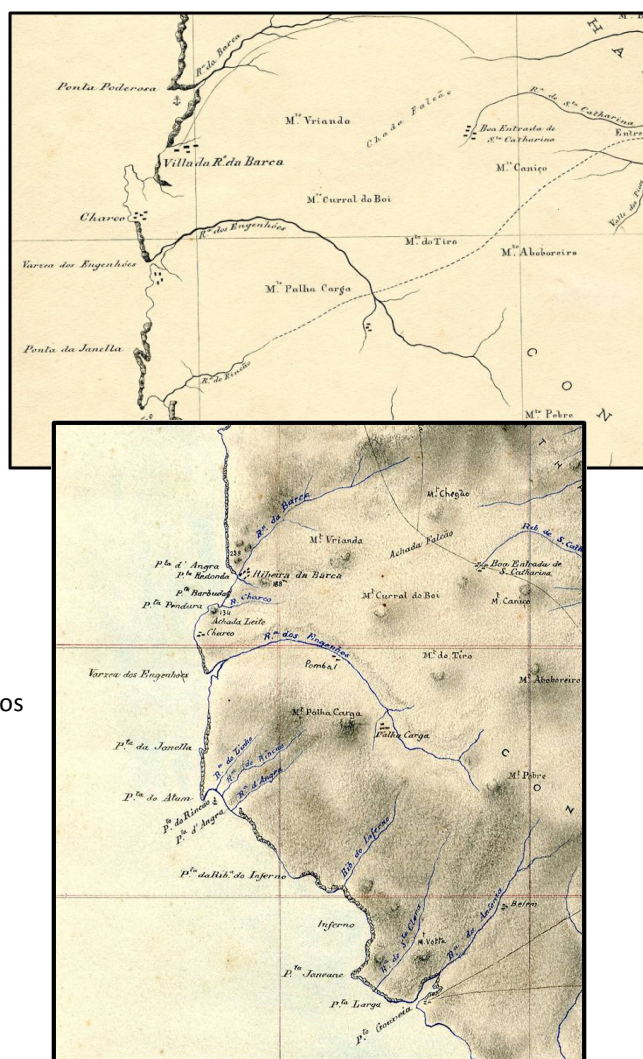
No que diz respeito à ilha de Santiago, destaca-se mais 3 cartas: uma carta geral, datada de 1890, da responsabilidade de Ernesto de Vasconcelos, produzida também no âmbito dos trabalhos da Comissão de Cartografia (escala 1/100.000), outra de 1910, também produzida pela mesma instituição (escala de 1/105.000) e outra editada em 1927 já elaborada pelos cartógrafos da Missão Geográfica de Cabo Verde (com escala de 1/100.000) e da responsabilidade do capitão de fragata Martins Pereira, o 1º Tenente da Marinha Engenheiro Hidrógrafo Henrique Baeta Neves pelo 1º tenente da Marinha Victor Serra e pelo engenheiro de minas Bacelar Bebiano).

Nestas 2 cartas, além das inúmeras ribeiras que se espraiam por todo o litoral da ilha, há um pormenor descritivo particularmente interessante e comum a todos os exemplares cartográficos: uma ribeira denominada Ribeira dos Engenhos, vinda da ribeira de Águas Grande e desaguando na Várzea dos Engenhos, na região oeste de Santiago.

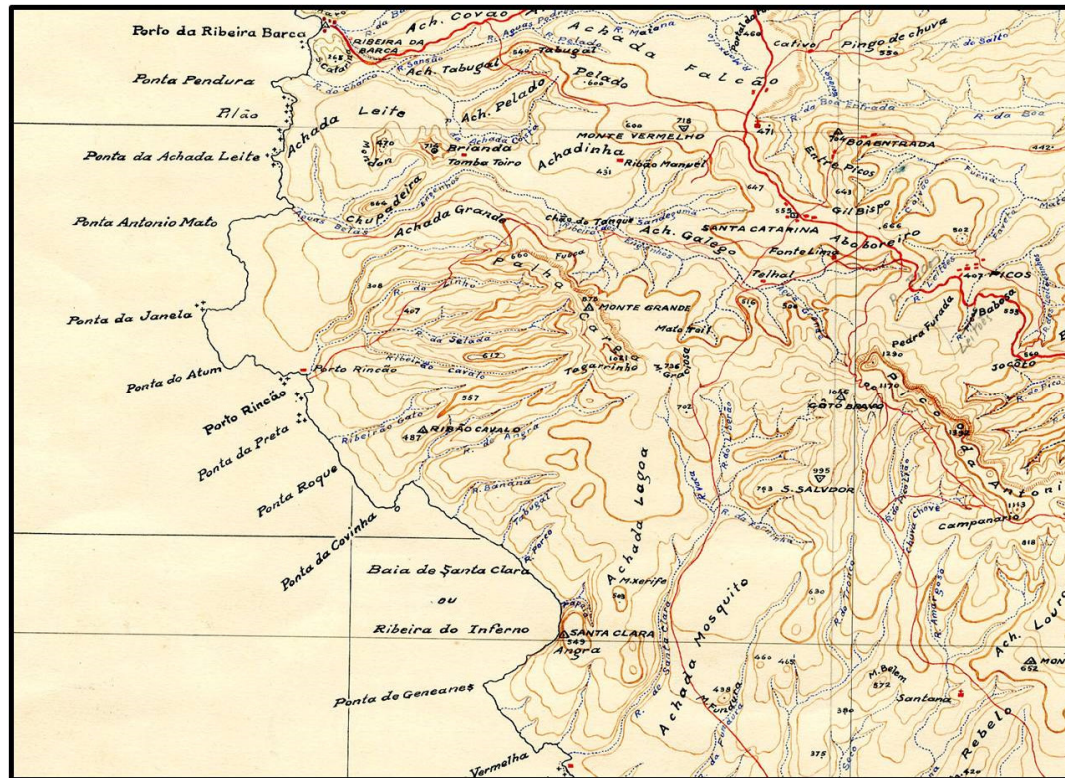


Carta da ilha de S. Thiago, 1890 e respetivo pormenor realçando a Ribeira dos Engenhos e a Varzea dos Engenhos

IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santiago, 12



Carta da ilha de S. Thiago, 1910, onde é patente a mesma topomínia IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santiago, 15



IICT, Cartoteca, Pasta 26, ilha de Santiago, 18

Esta é precisamente uma das zonas onde para o século XVI, está registada a existência de uma das fazendas mais rica no cultivo e produção de açúcar. A ribeira de Águas Belas, onde se instala a Fazenda dos Mosquitos passa a ser designada por ribeira dos Engenhos pelo facto de haver aí estes instrumentos de transformação da cana sacarina em açúcar. (SILVA, 1995, 302-303). Para além desta, também na região mais sueste e na região oeste de Santiago é possível visualizar nos mapas a região onde se sabe que foram estabelecida duas grandes fazendas de açúcar a da Trindade (na região imediatamente acima da cidade da Praia) e a de Santa Cruz na zona oeste; ambas estão implementadas em regiões com inúmeras ribeiras e pequenos cursos de águas, elementos naturais fundamentais para o cultivo da cana sacarina. Como se pode ver, por exemplo, num documento de 25 de Junho de 1540 onde por intermédio de um texto da instituição de um morgado a Fernão Fiel de Lugo são inventariadas as várias fazendas que este rico proprietário rural tinha e o que nelas se explorava.

Registe-se o que é referido relativamente às fazendas da Santíssima Trindade e á de Santa Cruz:

E nesta dita fazemda estaa huua Irmida da Samtysyma Trimdade e demtro nesta fazemda estam dous dous emgenhos trepiches de fazer açucars, com todo o cobre e mais cousas neçesarjas aos ditos emgenhos, e dentro na dita fazemda suas casas de morada e casa demgenhos e de purgar e de pilheiras e tres tamques dagoa, de pedra e cal; e demtro na dita fazemda tem muitos canaveaes daçucar de que lavrão os ditos engemhos” (BRÁSIO, 1963, 328-329).

“E demtro nesta fazemda que se chama Samta Cruz, em que está a dita Irmida de Samta Cruz, them huas casas de morada e huu engenho trepiche daçucar com suas casas e emgenho de purgar e de pilheiram com todo o cobre e mais cousas neçessárias ao dito engenho.

E bem asy tem dous tamques de pedra e cal com todas suas leuadas, outros de pedra e cal, com que regam mujtos canavees da dita fazemda que sam daçucar, de que lavra o dito emgenho” (BRÁSIO, 1963, 330).

Dentro das dita fazendas estavam ainda registados cerca de 100 peças de escravos, 50 em cada uma delas, provavelmente sabendo alguns deles “fazer açucars”, escravos esses que eram referidos como “mestres de açucars” ou “escravos trapicheiros”, numa clara menção aos seus conhecimentos na “arte” de transformar a cana em açúcar e no manejo dos trapiches.

Também na obra de Travassos Valdez, nomeadamente nos quadros referentes aos preços dos escravos na vila da Praia em 1857 são identificados alguns escravos como “fabricantes de assucares” todos com idades superiores a 20 anos. (VALDEZ, 1864, 212). Ou seja, apesar da cana-

de-açúcar não ser uma cultura com grande significado no conjunto das produções agrícolas das ilhas de Cabo Verde, era considerável ao ponto de levar a que houvesse uma especialização de alguns escravos na tarefa de transformar a cana em açúcar ou aguardente.

Ainda reforçando esta mesma ideia encontraram-se várias recolhas de tradições orais, nas quais estão registadas no âmbito das cantigas de trabalho agrícolas, cantigas de curral-detrapiche, nomeadamente uma de Santo Antão *Kolá-Boi*, cantada pelos negros, enquanto vigiavam os bois se moviam circularmente no trapiche (OSÓRIO, 55-61).

3.Considerações finais

Tal como mencionado desde o início, este trabalho tem como objetivos, por um lado, trazer para os *fóruns de discussão* uma contribuição para um relançar da história da cana sacarina, do açúcar e da aguardente nas ilhas de Cabo Verde e, por outro lado, divulgar o espólio cartográfico existente na Cartoteca do Instituto de Investigação Científica Tropical, salientando como o recurso ao cruzamento de informações escritas com dados cartográficos, podem abrir novos caminhos, confirmar dados e auxiliar no esclarecimento de muitas temáticas, de que esta é apenas um exemplo. Neste caso concreto, a cartografia permitiu confirmar a existência de um grande número de ribeiras nas ilhas de Santo Antão, São Nicolau e Santiago condição *sine qua non* para a possibilidade de cultivo da cana sacarina.

Procurou-se com este estudo, fazer apenas um exercício de experimentação da complementaridade entre tipos distintos de fontes, demonstrando como a cartografia pode trazer elementos confirmativos das fontes textuais, o que é bem exemplificativo da necessidade de se formarem equipas interdisciplinares em que os conhecimentos específicos de cada especialista, num ramo da ciência, possam contribuir para o avanço do saber coletivo².

BIBLIOGRAFIA

Amaral, I.do. 1964. *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

² Pretendo fazer um agradecimento especial ao meu colega e amigo João Carlos Garcia que foi quem me incentivou a desenvolver este estudo assente na complementaridade das fontes escritas com as cartográficas. Sem as suas pistas nunca teria enveredado por este tipo de abordagem

- Barcellos, C. J. de S. 1899-1905. *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné*, Lisboa, Academia Real das Ciências, partes I e II, partes III e IV.
- Brásio, A. 1963. *Monumenta Missionária Africana*, 2ª série, II volume, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.
- Carreira, A. 1982. *Estudos de Economia Caboverdiana*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Chelmichi, J.C.C. 1841, *Corografia Cabo-Verdiana ou Descrição Geographico-Histórica da Provincia das Ilhas de Cabo Verde e Guiné*, Lisboa, Typ. De L.C. da Cunha.
- Silva, A. C e. 1991, “Espaço, ecologia e economia interna” ” in *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, pp.179-236.
- 1995 “A sociedade agrária. Gentes das águas: senhores, escravos e forros” ” in *História Geral de Cabo Verde*, vol. II, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, pp.275-357.
- Fernandes, V. 1951. *Description de la Côte Occidentale d’Afrique (Sénégal au Cap du Monte, Archipels)* publicado por Th Monod, A. Teixeira da Mota e R. Mauny, Bissau, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.
- História e Tecnologia do Açúcar*. 2000, Funchal, C.E.H.A.
- Lopes Lima, J.J. de. 1844. *Ensaio sobre a Statistica das Possessões Portuguezas na Africa Occidental e Oriental; na Asia Occidental; na China, e na oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Matos, A. T. de. 2003. “Diversidade e complementaridade na formação da sociedade colonial cabo-verdiana. A arqueologia da sociedade de Santo Antão .1504-1732) in *Louvor da linguagem. Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*, Lisboa, ed. Colibri, pp. 259-270.
- Osório, O. s/d. *Cantigas de Trabalho. Tradições orais de Cabo Verde*, s/l, Plátano Editora.
- Pereira, F.J. 1991. “ O açúcar madeirense de 1500 a 1537. Produção e Preços” in *Estudos sobre a História da Madeira* (org. de M.J.Rodrigues), Funchal, C.E.H.A., pp.123-162.
- Rau, V. 1971. “O açúcar da ilha de São Tomé no 2º quartel do século XVI” in *Elementos para a História da Ilha de São Tomé*, Lisboa, C.E.M., pp.7-44.
- Rodrigues, M.J.1996. *Poderes e Estrutura Social. A ilha da Madeira: 1460-1521*, Cascais, Patrimónia.
- Teixeira, N. P. S. D .2004. *A ilha de São Nicolau de Cabo verde nos séculos XV a XVIII*, Lisboa, Centro de História de Além-Mar.
- Valdez, F.T. 1864. *Africa Occidental. Noticias e Considerações*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Vieira, A. e Clode, F. 1996. *A Rota do Açúcar na Madeira*, Funchal, C.E.H.A.
- Vieira, A. 2004. *Canaviais, Açúcar e Aguardente na Madeira Séculos XV a XX*, Funchal, C.E.H.A..

